

O ENSINO DE FILOSOFIA EM NOSSA CONTEMPORANEIDADE: perspectivas de análise em torno de um campo problemático

Antonio Ferreira da SILVA; Carmelita Brito de Freitas FELÍCIO
Faculdade de Filosofia – Universidade Federal de Goiás
antonio.afsilva@gmail.com

Palavras-chave: ensino de filosofia; escola de massa; vida; Nietzsche.

Justificativa / Base teórica

A massificação do ensino médio no Brasil no começo da segunda metade do século passado sem o decorrente investimento empobreceu a escola pública, situação diferente da anterior na qual esse mesmo ensino era de alta qualidade, mas completamente elitizado. Com o retorno da filosofia para o currículo escolar e, diante da situação de penúria das escolas e das graves defasagens dos alunos, tanto do ponto de vista linguístico, como também em relação a referências culturais de caráter mais amplo (Rodrigo, 2009), o fato é que se tornou desafiador o seu ensino.

Desse modo impõe-se a pergunta: como disponibilizar para essa massa um saber tradicionalmente reservado a uma elite altamente qualificada do ponto de vista intelectual? Tal questão é o que move os alunos do curso de licenciatura em Filosofia da UFG, bolsistas do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência - PIBID. A atuação dos alunos ocorre em duas frentes: por um lado, desenvolvendo atividades práticas junto aos alunos da disciplina filosofia, de outro, realizando pesquisa teórica através de levantamento bibliográfico e de leituras que ajudam a pensar as questões relativas ao ensino de filosofia. As atividades estão sendo desenvolvidas no Colégio Estadual Pré-Universitário, situado no Setor Leste Universitário, em Goiânia.

A precariedade da situação pela qual passa a educação hoje, em nosso país, ocorre por conta do abandono da educação, das crianças e dos adolescentes numa escola que parece não ter mais significado para eles. As reformas que ocorreram no Brasil nas últimas décadas, de fato, não resultaram no aprimoramento da formação dessa parcela da população, de maneira tal, que possibilitasse aos jovens pensar a sua própria experiência de maneira crítica e reflexiva. A preocupação com a

educação, na verdade, sempre teve como alvo, fundamentalmente, a formação de mão de obra para o mercado de trabalho.

Tendo esse cenário como pano de fundo, certamente, o ensino de filosofia não faria sentido mesmo, não seria bem vinda aos currículos escolares, não teria com o que contribuir para levar a cabo a política desenvolvimentista para o país e, com isso, foi extirpada do currículo do ensino médio. Convém, então, remetermos a Nunes (2002, p. 439) para quem, primeiro a filosofia e o filosofar foram marginalizados pela modernidade para finalmente ser banida da grade curricular pela “sociedade pragmática, consumista e tecnocrata” criadora da “escola tecnicista e autoritária”. Desse modo, torna-se de suma importância buscar elementos para se pensar o ensino de filosofia e a própria filosofia enquanto possibilidade para a potencialização de resistência frente a essa mesma sociedade; sociedade essa excludente e perversa.

Nietzsche¹, certamente, concordaria com Nunes na sua assertiva, já que ele enxergou nos valores da modernidade a via para a decadência da cultura. Para Nietzsche, a educação e o ensino dos jovens eram de vital importância para a formação e o desenvolvimento do pensamento e da cultura. Todavia, ele detectou em sua época que, o ensino, a educação e a cultura eram subservientes aos dogmas da economia e do Estado, à educação cabendo apenas preparar homens para servi-los. Os valores da modernidade são regidos pela busca do lucro fácil, sinônimo de felicidade, do conhecimento superficial fruto de uma cultura empobrecida pela sua união com a economia, de uma cultura jornalística superficial e do afunilamento do saber que encontra na figura do especialista sua principal figura.

A situação da cultura, do ensino e da educação à época de Nietzsche não era muito diferente da nossa. Segundo Melo Sobrinho (2007, p.11), para Nietzsche, “a cultura não pode se reproduzir e crescer quando a educação está orientada para uma profissão, uma carreira, uma função, um cargo, quando é movida pelo ‘espírito utilitário’, quando é verificada através de exames obrigatórios e integrados[...]”.

Ora, nessa perspectiva de cultura alinhavada por Nietzsche, a filosofia encontra-se completamente enquadrada. Na modernidade a própria experiência, a própria vida foi subjugada, despontecializada. Entretanto, para o filósofo alemão a

¹Ver NIETZSCHE, Friedrich. *Escritos sobre educação*. Tradução Noéli Correia de Melo Sobrinho. RJ.: Editora PUC-Rio, 2007.

própria experiência, a vida, constituem o próprio motor do filosofar. A vida de Nietzsche é a exemplaridade maior de sua filosofia. Nela, a vida, a experiência e a filosofia se confluem numa máquina de pensamento poderosa contra o pensamento empobrecedor da modernidade.

No nosso tempo, porém, a vida se tornou sujeito e objeto de uma biopolítica. A partir do momento em o poder estatal tomou a vida do homem de assalto através de processos disciplinares e de controle, enquanto objeto mesmo do poder, a vida, “o humano”, então, “em sua condição de vivente já não se apresenta como objeto senão, como sujeito do poder político” (Agamben *apud* Merçon, 2010, p. 93).

É contra esse pano de fundo que, em nossa hipótese de trabalho, propomos pensar o destino desses corpos que, se de um lado, estão submetidos ao controle da biopolítica - ao que Giorgio Agamben chamou de “vida nua”², vida desqualificada -, por outro, encontram-se sem proteção na instituição escolar. Esta, em nossa contemporaneidade, tem se constituído como um espaço de abandono, de controle, de gerenciamento, de regulação. Nossa suspeita é a de que a escola pública tem se constituído desse modo. Principalmente, como um mero depósito de corpos indesejados para prevenir que causem menos problemas e desconfortos do que teriam, se ficassem vagando pelas ruas.

Talvez fosse o caso de se verificar o depoimento que, recentemente circulou na Internet, ganhando força nas redes sociais, de uma professora do Rio Grande do Norte, Amanda Gurgel, denunciando o estado de miséria na qual se encontra a educação no Brasil. Logo depois, num programa popular a professora disse que a maior preocupação dos gerenciadores da educação era os alunos estarem em casa com os pais, impedindo-os de saírem para trabalhar. Para a professora, os políticos enxergam a escola apenas como mero depósito de crianças³. Mas qual seria o lugar da filosofia nesse espaço paradoxal de “exclusão incluída”? Aqui teríamos de voltar a Nietzsche e à sua formulação da filosofia como potencializadora da vida. No

²Segundo Agamben, não a simples vida natural, mas a vida exposta à morte (a ‘vida nua’ ou a vida sacra) é o elemento político originário. O *homo sacer* é a figura por meio da qual a vida humana se inclui na ordem jurídica unicamente sob a forma de sua exclusão, pois constitui a figura jurídica daquele que pode ser morto por qualquer um, desde que tal morte não seja o resultado de um ritual ou processo jurídico. A expressão *sacer* indica uma “vida absolutamente exposta a que se lhe dê a morte, objeto de uma violência que excede tanto a esfera do direito como a do sacrifício” (2002, p. 112).

³ Disponível em: < <http://www.youtube.com/watch?v=5uWNjgj4iH0&feature=related> >. Acesso em 16 de junho de 2011.

entanto, teríamos que entender antes de tudo o que Nietzsche quer dizer com vida. Teríamos, também, de buscar o significado de biopolítica. Porém, tais conceitos na sua relação com a escola e o ensino de filosofia se colocam como pontos fulcrais de nossa investigação.

Objetivos

O nosso trabalho tem como objetivo problematizar as condições do ensino em nossa contemporaneidade, a partir de uma análise crítica centrada no funcionamento da instituição escolar, de tal maneira que a violência exercida obscuramente através dela possa ser desmascarada e combatida. Interessa-nos, sobretudo, examinar o “lugar” do ensino de filosofia em uma escola massificada, na qual as crianças, adolescentes e jovens são “deixados” para aprender a ler e a escrever para, mais tarde, servirem de mão de obra no mercado de trabalho, numa massacrante “vida” destituída de direitos, de imaginação e de criatividade. Tal como pensamos, uma didática para o ensino de filosofia deve estar atenta à criação de novas formas de mediação pedagógica que possibilitem ao aluno pensar/tomar a sua vida para si.

Metodologia

Os bolsistas têm buscado subsídios teóricos para se pensar o ensino de filosofia no Brasil e, em especial, as condições de efetivação desse ensino na escola em que vimos realizando nossa pesquisa de campo. Apesar do retorno da filosofia ser algo recente, muito tem sido escrito a respeito. Por outro lado, temos trabalhado diretamente com os alunos em uma disciplina optativa, o que tem nos ajudado sobremaneira no aprofundamento de nossas investigações em torno ao objeto de nossa pesquisa.

Resultados / discussão

A massificação do ensino coloca-se como um desafio a ser enfrentado para todos os professores da rede pública de ensino. Desenvolver uma didática que auxilie os professores torna-se, outrossim, de grande importância para a disciplina de filosofia. Deve-se, contudo, nessa tarefa, não perder de vista a própria especificidade da filosofia.

Conclusões

Sabemos das dificuldades que os alunos têm não só com a filosofia, mas com outros campos de saber, como podemos verificar *in loco* nas atividades que estamos desenvolvendo na escola-campo. Contudo, acreditamos que neste quadro, em princípio, desalentador no qual viceja um pensamento pragmatista, utilitarista, conformista, controlador, é que a filosofia pode cooperar para mostrar o quanto existe de artil e perverso por trás dos discursos e da racionalidade operante no modo de funcionamento de nossas instituições.

Referências

AGAMBEN, Giorgio. *Homo Sacer: o poder soberano e a vida nua*. Tradução Henrique Burigo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

MELO SOBRINHO, Noéli Correia. Apresentação. IN: NIETZSCHE, Friedrich. *Escritos sobre educação*. Tradução: Noéli Correia Melo Sobrinho. 3ª ed. RJ: Editora PUC-RIO; SP: Loyola, 2007.

MERÇON, Juliana. Foucault, Agamben e Deleuze: relações entre vida e política. In: Revista *Trilhas Filosóficas*, Nº 2, Ano III, p. 87-101, jul.- dez. 2010. UERN – Disponível em: < <http://www.uern.br/outros/trilhasfilosoficas/conteudo/atual.htm> > Acesso em: 15 de junho 2010.

NIETZSCHE, Friedrich. *Escritos sobre a Educação*. Tradução Noéli Correia de Melo Sobrinho. RJ: Editora PUC-Rio; SP: Loyola, 2007.

NUNES, Renato. A filosofia e o filosofar. In: PIOVESAN, Américo at tal. (Orgs) *Filosofia e ensino em debate*. Ijuí, RS: Editora Unijuí, 2002. (Coleção Filosofia e Ensino)

PROGRAMA “Domingão do Faustão”. Disponível em:

<<http://www.youtube.com/watch?v=5uWNjgj4iH0&feature=related>> Acesso em 16 de junho de 2011.

RODRIGO, Lidia Maria. *Filosofia sem sala de aula: teoria e prática para o ensino médio*. Campinas, SP: Autores Associados, 2009 (Coleção Formação de Professores)

Fonte de financiamento

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior / Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID